

CADERNO

Fé e Cultura

Edição 13
30 de agosto de 2023



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na Internet, com mais artigos e links citados.

O SÃO PAULO



NÚCLEO
FÉ E
CULTURA
Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo



Arte: Sergio Ricliuto Conte

Blaise Pascal, 400 anos: um olhar cristão sobre a miséria e a grandeza humanas

João Cortese*

O inventor do sistema de transporte público: carruagens que circulavam em Paris em horários determinados, independentemente de terem passageiros ou não, a um preço fixo (uma moeda de cinco sóis). Talvez essa não seja a característica mais célebre da vida de Blaise Pascal, nascido em 19 de junho de 1623 em Clermont, na França. Conhecido de muitos por seus *Pensamentos* (São Paulo: Martins Fontes, 2005), obra póstuma que reúne aproximadamente mil fragmentos de texto, boa parte dos quais estava destinada a constituir uma apologia da religião cristã, sua vida e seus trabalhos guardam uma série de outros aspectos interessantes a serem lembrados nesse quadricentenário.

Pascal se destacou na matemática (realizou trabalhos originais que impactariam as áreas que viriam a ser a geometria projetiva, a teoria das probabilidades e o cálculo integral), na física (experiências importantes sobre a existência do vácuo e da pressão atmosférica, assim como um tratado sobre *O equilíbrio dos líquidos*), polemista no âmbito da religião (suas *Cartas Provinciais* criticam os excessos da casuística de alguns jesuítas da época), inventor de uma máquina de calcular que aju-

Pascal é lido por diferentes públicos. Se entramos em uma biblioteca, podemos eventualmente encontrá-lo nas seções de filosofia, teologia, literatura, matemática ou física. Nesse sentido, ele é um autor multifacetado. Parece, entretanto, ser possível qualificar seu pensamento pelas palavras do Papa Francisco, na recente carta apostólica da qual reproduzimos um trecho neste Caderno: Pascal demonstrava uma “abertura estupefata à realidade” (Sublimitas et miseria hominis)

daria na cobrança de impostos pelo seu pai... As áreas de atuação de Pascal, que viveu apenas 39 anos, são diversas. Mas em todas elas se destaca um senso de abertura à realidade, a qual Pascal não queria forçar para dentro de “caixinhas” do pensamento. Nos *Pensamentos*, escreveu: “a verdadeira moral zomba da moral” e “zombar da filosofia é verdadeiramente filosofar” [Fragmento 513, segundo a numeração da edição de L. Lafuma (daqui em diante: Laf.)].

Em particular, Pascal apresenta uma rica reflexão sobre a condição do homem. Alguns qualificaram o seu pensamento, próximo em certos aspectos ao jansenismo da época, de “trágico” – de fato, Pascal reconhece que “o homem não passa de um caniço, o

mais fraco da natureza” (Laf. 200). Mas Pascal, pensador dos limites da razão, vê igualmente que o homem tem uma dignidade, a qual pode honrar: o homem é apenas um caniço, escreve Pascal, “mas é um caniço pensante” (Laf. 200). Daí que se reconheça no pensamento de Pascal tanto uma “miséria” quanto uma “grandeza” do homem, abrindo-se de modo “estupefato” à realidade e à complexidade desta.

Pois criar um sistema de ônibus, no caso de Pascal, não significa apenas apresentar uma solução técnica: tendo criado uma empresa em parceria com sócios, intencionava destinar a sua parte dos lucros aos pobres da região de Blois. Pascal, empreendedor social: eis outra faceta a lembrar. E um transporte, final-

mente, que permite às pessoas estarem em comunicação: o mesmo pensador que diagnosticou nossa miséria por não sabermos ser felizes sozinhos em um quarto (necessitando de “divertimento”, Laf. 622), é aquele mesmo que tece ao final de sua vida uma rede de transportes que leva as pessoas a se encontrarem em uma cidade. É ainda aquele que lançou um concurso geométrico, aguardando respostas de matemáticos de diversas partes da Europa. Pascal buscava, em diferentes instâncias, uma comunhão com os outros – tanto como membros do Corpo de Cristo quanto como membros da sociedade.

Certamente, o pensamento de Pascal guarda muito a ser explorado por nós. Além disso, uma lição que poderíamos tirar de sua vida é que a realidade, assim como as facetas de um autor e de uma pessoa, são muitas. Para falar com o Papa Francisco, cabe abrimo-nos para explorar a riqueza desse “poliedro” (*Fratelli Tutti*, FT 145).

* Professor da Faculdade de Filosofia e Teologia Paulo VI. Doutor em Filosofia pela USP e pela Universidade de Paris 7, com a tese “O infinito em peso, número e medida: a comparação dos incomparáveis na obra de Blaise Pascal”. Autor do livro *Infini et disproportion chez Pascal* (Paris: Honoré Champion, 2023), assim como de artigos sobre a obra do autor.

O pensador que encanta o Papa Francisco

Grandeza e miséria do homem é o paradoxo que está no centro da reflexão e mensagem de Blaise Pascal [...] Desde criança e por toda a vida, procurou a verdade. Com a razão, esquadrinhou os sinais dela, especialmente nos campos da matemática, geometria, física e filosofia. Em idade ainda muito precoce, fez descobertas extraordinárias, alcançando fama considerável. Mas não ficou por aí. Num século de grandes progressos em muitos campos da ciência, acompanhados, porém, de um crescente espírito de ceticismo filosófico e religioso, Blaise Pascal mostrou-se um incansável investigador do verdadeiro: como tal, permanece sempre “inquieto”, atraído por novos e mais amplos horizontes.

Na verdade, uma razão assim arguta e, ao mesmo tempo, tão aberta nunca silenciava nele a questão, antiga e sempre nova, que ressoa no ânimo humano: “Que é o homem para Te lembrares dele, o filho do homem para com ele Te preocupares?” (Sl 8, 5). Esta pergunta está gravada no coração de cada ser humano, em todo o tempo e lugar, de qualquer civilização e língua, independentemente da sua religião. Assim, vemos Pascal interrogar-se: “Que é um homem na natureza? Um nada comparado com o infinito, um tudo comparado com o nada” (*Pensamentos*, Fragmento 199, segundo a numeração da edição Lafuma, daqui em diante Laf.) [...] A tal interrogativo, expresso numa linguagem muito diferente das linguagens da matemática e da geometria, Pascal nunca se fechou.

Na base disto, parece-me poder reconhecer nele uma atitude de fundo que definiria “abertura estupefata à realidade”, que é abertura às outras dimensões do saber e da existência, abertura aos outros, abertura à sociedade. Por exemplo, em 1661 esteve na origem, em Paris, da primeira rede de transportes públicos da história, as designadas “*Carrosses à cinq sols*”. [...] Nem a sua conversão a Cristo, sobretudo a partir da sua “Noite de Fogo”, em 23 de novembro de 1654, nem o seu extraordinário esforço intelectual de defesa da fé cristã fizeram dele uma pessoa isolada do seu tempo. Estava atento aos problemas então mais sentidos, bem como às necessidades materiais de todos os componentes da sociedade em que vivia.

Para ele, a abertura à realidade significava não se fechar aos outros, nem mesmo na hora da sua última doença. Deste período (tinha ele 39 anos), chegam-nos palavras que exprimem o passo conclusivo de tal caminho evangélico: “Se os médicos falam a verdade (e Deus permita que eu me recupere desta doença), estou decidido para o resto da minha vida a não ter outro emprego nem outra ocupação além do serviço aos pobres” (PÉRIER, G. Vida de Pascal [in] BLAISE PASCAL. *Pensamentos*. Coleção os Pensadores. São Paulo:

*Por que o Papa Francisco se revela tão encantado com Blaise Pascal? Os trechos a seguir, de sua carta apostólica **Sublimitas et miseria hominis**, publicada em 19 de junho de 2023, nos ajudam a compreender o que nesse pensador, quais características de sua humanidade, levaram Francisco a apresentá-lo como exemplo “capaz de estimular os cristãos do nosso tempo e todos os homens e mulheres de boa vontade na busca da verdadeira felicidade”.*



Abril Cultural, 1979). É comovente constatar que, nos últimos dias da sua vida, um pensador tão genial como Blaise Pascal não via urgência mais sublime para investir as suas energias do que as obras de misericórdia: “O único objeto da Escritura é a caridade” (Laf. 270).

Um enamorado de Cristo, que fala a todos. Se Blaise Pascal consegue tocar a todos, é sobretudo porque falou admiravelmente da condição humana. Mas seria errado ver nele apenas um especialista, embora genial, dos costumes humanos. O monumento formado pelos seus *Pensamentos*, de que alguns ditos isolados ficaram célebres, não se pode compreender realmente se se ignora que Jesus Cristo e a Sagrada Escritura constituem simultaneamente o centro e a chave do mesmo. Com efeito, se Pascal começou a falar do homem e de Deus, foi por ter chegado à certeza de que “não só conhecemos a Deus unicamente por Jesus Cristo, mas também nos conhecemos a nós mesmos apenas por Jesus Cristo. Só conhecemos a vida e

a morte por meio de Jesus Cristo [...]” (Laf. 417).

A condição humana. Meditando os *Pensamentos* de Pascal, encontramos de certa forma este princípio fundamental: “A realidade é superior à ideia”, porque Pascal ensina a desviar-nos das “várias formas de ocultar a realidade”, desde os “purismos angélicos” aos “intelectualismos sem sabedoria” (*Evangelii gaudium*, EG 231). Nada é mais perigoso do que um pensamento desencarnado: “Quem quer fazer o anjo, faz a besta” (Laf. 678). E as ideologias mortíferas, de que se continua a enfermar em âmbito econômico, social, antropológico ou moral, mantêm os seus sequazes em redomas de uma convicção em que a ideia substituiu o real [...]

Pascal, como filósofo, vê claramente que, “à medida que vamos tendo luz, se descobre mais grandeza e mais baixaza no homem” (Laf. 613), mas que estes opostos são inconciliáveis, porque a razão humana não consegue harmonizá-los, nem resolver o enigma.

Por este motivo, Pascal sublinha que, se existe um Deus e se o homem recebeu uma revelação divina – como afirmam diversas religiões – e se essa revelação é verdadeira, deve encontrar-se nela a resposta que o homem espera para resolver as contradições que o atormentam [...]

A conversão. No dia 23 de novembro de 1654, Pascal viveu uma experiência muito forte, de que se fala até agora como a sua “Noite de Fogo”. Essa experiência mística, que o fez derramar lágrimas de alegria, foi tão intensa e decisiva para ele que a escreveu num pedaço de papel datado com precisão, o “Memorial”, que guardara no forro do casaco, sendo descoberto só depois da sua morte. É impossível saber a natureza exata do que se passou na alma de Pascal naquela noite, mas parece tratar-se de um encontro de que ele próprio reconheceu a analogia com aquele outro, fundamental em toda a história da revelação e da salvação, vivido por Moisés diante da sarça ardente (cf. Ex 3). O termo “*FOGO*” (Laf. 913), que Pascal quis colocar no cimo do “Memorial”, convida-nos, ressalvadas as devidas proporções, a propor uma tal aproximação. O paralelismo parece ser indicado pelo próprio Pascal quando, imediatamente depois da evocação do fogo, retomou o título que o Senhor tomou para Si mesmo ao apresentar-Se a Moisés: “Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacó” (Ex 3, 6.15), acrescentando: “Não dos filósofos e dos eruditos. Certeza, certeza, sentimento, alegria, paz. Deus de Jesus Cristo” [...]

Este encontro, que confirmou a Pascal a “grandeza da alma humana”, cumulou-o de uma alegria viva e inesgotável: “Alegria, alegria, alegria, lágrimas de alegria.” E esta alegria divina torna-se, para Pascal, o lugar da profissão de fé e da oração: “Jesus Cristo. Estive separado d’Ele: fugi d’Ele, abandonei-O, reneguei-O, crucifiquei-O. Que eu nunca mais viva separado d’Ele” (Laf. 913) [...] Como toda a conversão autêntica, a conversão de Blaise Pascal realiza-se na humildade, que nos liberta “da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade” (EG 8) [...]

A inteligência imensa e inquieta de Blaise Pascal, repleta de paz e alegria perante a revelação de Jesus Cristo, convida-nos, segundo “a ordem do coração” (Laf. 298), a caminhar com segurança iluminados por “estas luzes celestes” (Laf. 208). Com efeito, se o nosso Deus é um “Deus escondido” (Is 45, 15) é porque Ele “Se quis esconder” (Laf. 242), de tal modo que a nossa razão, iluminada pela graça, nunca acabará de O descobrir. Portanto, é pela iluminação da graça que O podemos conhecer. Mas a liberdade do homem deve abrir-se, apressando-Se Jesus a consolar-nos: “Tu não Me procurarias, se não me tivesses já encontrado” (Laf. 919).

Que é um homem no infinito?

Contemple, pois, o homem a natureza inteira em sua alta e plena majestade, afaste o seu olhar dos objetos baixos que o cercam. Olhe essa ofuscante luz posta como um farol eterno para iluminar o universo, pareça-lhe a terra como um ponto em razão da vasta órbita que esse astro descreve, e fique tomado de admiração de que essa mesma vasta órbita não passa de uma ponta muito delicada em relação à que aqueles astros, que giram no firmamento, abrangem. Mas se a nossa vista para aí, que a imaginação passe além; ela ficará mais depressa cansada de conceber que a natureza de fornecer. O mundo visível todo não é senão um traço imperceptível no amplo seio da natureza. Ideia alguma se aproxima dela, por mais que expandamos as nossas concepções para além dos espaços imagináveis, não geramos senão átomos em comparação com a realidade das coisas. É uma esfera infinita, cujo centro está por toda parte, a circunferência em parte alguma. Enfim, é a maior característica sensível da onipotência de Deus que a nossa imaginação se perca nesse pensamento.

Tendo voltado a si, considere o

No trecho a seguir, do fragmento “Desproporção do homem”, Pascal nos mostra uma aguda percepção da finitude humana, ressaltando que se o homem não toma Deus como referência, não encontrará medida para si na natureza, e cairá em vertigem em face dos dois infinitos de grandeza e de pequenez.

homem aquilo que ele é em face do que existe, veja-se como perdido, e que desse pequeno calabouço em que se encontra alojado, quero dizer, o universo, aprenda a estimar a terra, os reinos, as cidades, as casas e a si mesmo em seu justo valor.

Que é um homem no infinito?

Mas para apresentar-lhe outro prodígio também espantoso, procure ele naquilo que conhece as coisas mais delicadas, que um ácaro lhe oferece na pequenez de seu corpo partes incomparavelmente menores, pernas com juntas, veias nas pernas, sangue nas veias, humores nesse sangue, gotas nesses humores, vapores nessas gotas, que dividindo ainda essas últimas coisas ele esgote as suas forças nessas concepções e que o último objeto a que ele pode chegar seja agora o

de nosso discurso. Ele pensará talvez que está aí a extrema pequenez da natureza. (...)

Pois afinal, o que é o homem na natureza? Um nada em relação ao infinito, um todo em relação ao nada, um meio entre o nada e o tudo, infinitamente afastado de compreender os extremos; o fim das coisas e seu princípio são para ele invencivelmente escondidos num segredo impenetrável, igualmente incapaz de ver o nada de onde ele foi tirado e o infinito no qual ele foi absorvido.

Que fará ele, então, senão perceber alguma aparência do meio das coisas num desespero eterno de conhecer quer o seu princípio, quer o seu fim? Todas as coisas saíram do nada e foram levadas até o infinito. Quem acompanhará esses espantosos

movimentos? O autor dessas maravilhas as compreende. Nenhum outro pode fazê-lo.

Por não terem contemplado esses infinitos, os homens se lançaram temerariamente à procura da natureza como se com ela mantivessem alguma proporção. (...)

Quando se é instruído, compreende-se que, tendo a natureza gravado a sua imagem e a de seu autor em todas as coisas, quase todas elas mantêm relação com sua dúplice infinidade. (...)

Sendo esse meio que nos coube em partilha sempre distante dos extremos, que importa que um outro tenha um pouco mais de inteligência das coisas? Se a tem e se a toma de um pouco mais alto, não está ele sempre infinitamente afastado da extremidade e a duração de nossa vida não é igualmente ínfima em face da eternidade se durar dez anos mais?

Em vista desses infinitos, todos os finitos são iguais e não vejo por que assentar a imaginação antes sobre um do que sobre outro. (...)

Pensamentos, fragmento Laf. 199, “Desproporção do homem”

“O mistério de Jesus”, uma meditação de Pascal sobre Jesus no Horto das Oliveiras

Jesus está num horto, não de delícias como o primeiro Adão, onde este se perdeu e a todo o gênero humano, mas de suplícios, onde Ele se salvou e a todo o gênero humano.

Ele sofre esta dor e esse abandono no horror da noite.

Creio que Jesus nunca se queixou, a não ser esta única vez. Mas então Ele se queixa como se não mais pudesse suportar sua dor excessiva. Minha alma está triste até a morte.

Jesus procura companhia e alívio da parte dos homens.

Isso é único em toda a sua vida, parece-me, mas nada recebe, pois os discípulos estão dormindo.

Jesus ficará em agonia até o fim do mundo. Não se deve dormir durante esse tempo [...]

Jesus pediu aos homens e não foi atendido.

Jesus, enquanto os discípulos dormiam, operou a sua salvação. Fez deles justos enquanto dormiam, quer no nada de antes de seu nascimento, quer nos pecados desde o seu nascimento.

Só pede uma vez que o cálice seja afastado, e mesmo assim com submissão, e duas vezes que ele venha se for necessário [...]

Jesus, vendo todos os seus amigos dormindo e todos os seus inimigos vigilantes, se entrega inteiramente ao Pai. [...]

Consola-te. Não me buscarias se não me tivesses encontrado. [...] Dei-

“Consola-te. Não me buscarias se não me tivesses encontrado”
A reflexão de Pascal, cujos trechos apresentamos a seguir, retratam de forma eloquente sua espiritualidade e seu relacionamento com Cristo.

xa-te conduzir por minhas regras. Vê como conduzi bem a Virgem e os santos que me deixaram agir neles. O Pai ama tudo que faço. Queres que me custe sempre sangue de minha humanidade sem que me dê nenhuma lágrima? [...]*

Vejo o meu abismo de orgulho, de

curiosidade, de concupiscência. Não há nenhum ponto de relação entre mim e Deus, nem entre mim e Jesus Cristo justo. Mas Ele foi feito pecado por mim. Todos os vossos flagelos cairam sobre Ele. Ele é mais abominável do que eu e, longe de me detestar, sente-se honrado de que eu vá a Ele e

o socorra. Mas Ele curou-se a si mesmo e me curará com mais forte razão.

É preciso acrescentar as minhas chagas à suas e juntar-me a Ele, e Ele, salvando-se, me salvará. [...]

Fazer as pequenas coisas como grandes por causa da majestade de Jesus Cristo, que as faz em nós e que vive nossa vida, e as grandes como pequenas e fáceis por causa de sua onipotência.

Pensamentos, Laf. 919

* Como fica claro da leitura completa do fragmento, Pascal atribui as palavras deste parágrafo a Jesus

O que ler de Pascal

Em português, há duas boas traduções dos *Pensamentos*:

- ✓ *Pensamentos*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. Tradução de Mario Laranjeira a partir da edição Lafuma.
- ✓ *Pensamentos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Coleção Os Pensadores – vol. XVI. Tradução Sérgio Milliet a partir da edição Brunschvicg.

Em francês, pode-se consultar o site <http://www.penseesdepascal.fr/>

Outras obras traduzidas:

- ✓ *Conversa com o senhor de Sacy sobre Epiteto e Montaigne*. São Paulo: Alameda, 2014. Organização e tradução de Flavio Fontenelle Loque.
- ✓ *As Provinciais*. São Paulo: Filocalia, 2016. Trad. de Roberto Leal Ferreira.
- ✓ *Do espírito geométrico e Da arte de persuadir, e outros escritos de ciência, política e fé*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. Organização e tradução de Flavio Fontenelle Loque.

Uma biografia

ATTALI, Jacques. *Blaise Pascal ou o gênio francês*. Bauru: EDUSC, 2003.

Imagem: Wikimedia, https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a8/Blaise_Pascal_Etching_by_J._Henriot_after_G._Edelinck_after_Wellcome_V0004510.jpg



A santidade de Blaise Pascal

Thibaut Bagory*

Blaise Pascal sempre teve um grande respeito pela religião, mas conheceu três momentos de “conversão” a uma vida cristã cada vez mais intensa. A primeira se passa em 1646. O jovem cientista mergulha na leitura de autores espirituais próximos a Port-Royal, com o desejo de que as luzes que ali encontrou pudessem beneficiar a outros. A segunda foi inaugurada na noite de 23 de novembro de 1654, por um comovido encontro de Deus, cujo brilho é preservado no Fogo do “Memorial”, que o Papa Francisco cita regularmente. Pascal está totalmente empenhado contra a derrubada da moral por uma casuística corrompida: é o que vemos na deslumbrante sucessão das *Cartas Provinciais* (1656-1657). Pascal combate nelas as propostas de vários autores, dos quais um grande número será posteriormente condenado por Roma. Em terceiro lugar, um retiro e uma confissão geral dois anos antes de sua morte aumentam seu desejo da perfeição cristã. Pascal cuida dos pobres, e com seus próprios recursos dá-lhes esmolas. Em 1662, inventa o primeiro transporte público urbano, do qual destinava sua parte dos lucros para ajudar os pobres.

Os escritos religiosos de Pascal atestam uma fé ardente e um amor muito vivo por Jesus Cristo. Imbuído desde a juventude das obras de Santo Agostinho, ele defende sua teologia, tantas vezes louvada por uma tradição milenar e dada por diversos papas e concílios como referência a respeito da graça divina. Ao fazer isso, age, apesar de sua

*A vida boa, virtuosa e feliz que Pascal propôs e procurou viver vem sendo amplamente reconhecida após sua morte. Sua leitura ainda produz muitos frutos espirituais hoje, e Pascal é um mediador decisivo para muitas conversões – especialmente no Japão! O Papa Francisco reconhece, na carta apostólica **Sublimitas et miseria hominis**, a “riqueza e fecundidade extraordinárias” da breve vida de Pascal, assim como a “franqueza e sinceridade das suas intenções”, fomentando “sua obra luminosa e os exemplos de sua vida” para fins espirituais. Esse também é o objetivo dos Pascalins, pessoas que admiram Pascal e formaram a Sociedade dos Amigos de Blaise Pascal, fundada na convicção de sua santidade e desejando ser uma obra da Igreja, que traz a ação de Pascal ao nosso tempo. Para isso, organiza todos os meses na Igreja de Saint-Étienne-du-Mont, em Paris, onde repousa Pascal, uma oração para dar graças e para pedir a Deus sua beatificação, seguida de uma visita aos pobres, a fim de “entrar na verdade pela caridade”. O reconhecimento da sua santidade pela Igreja poderia estimular no mundo todo o conhecimento de sua obra, mostrando como Pascal foi um modelo de humildade, fé e caridade.*



O coração tem razões que a própria razão desconhece

É o coração que sente Deus, e não a razão. Eis o que é a fé. Deus sensível ao coração, não à razão.

O coração tem suas razões, que a própria razão desconhece: percebe-se isso em mil coisas.

Digo que o coração ama o ser universal naturalmente e a si mesmo naturalmente, conforme aquilo a que se aplica, e ele se endurece contra um ou outro, à sua escolha. Rejeitastes um e conservastes o outro: será devido à razão que vos amais a vós próprios?

(*Pensamentos*, Laf. 423-424)

Epitáfio de Pascal, na Igreja de Saint-Étienne-du-Mont, em Paris. Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Blaise_Pascal_tombe.jpg.

doença, como um católico determinado. Ele coloca talentos inigualáveis a serviço da verdade; condena as chamadas propostas “jansenistas” censuradas por Roma; afirma sua comunhão com o papa e seu horror ao cisma.

Do seu leito de morte, no verão de 1662 na casa de sua irmã Gilberte, Blaise Pascal pede para “morrer na companhia dos pobres”, mas os médicos consideram que ele não pode ser transportado. Morre munido dos sacramentos da Igreja no dia 19 de agosto, a uma hora da manhã, com apenas 39 anos, tendo como últimas palavras “Que Deus nunca me abandone!”.

*Artigo escrito em nome da Société des amis de Blaise Pascal, presidida por Thibaut Bagory – professor agrégé de Matemática e doutorando em Literatura francesa sobre Blaise Pascal. Uma parte dessa contribuição foi publicada de modo mais detalhado no número especial Blaise Pascal, un pèlerin de l'absolu, da revista L'Homme Nouveau, no 50-51, 2023. Site da associação: <https://amisdeblaisepascal.com>

Os limites e o alcance da razão em Pascal

Ricardo Mantovani*

Pascal, faz-se necessário notar, é influenciado profundamente pela tradição céptica. Como se sabe, desde a Antiguidade, os cépticos se dedicam a denunciar a vulnerabilidade de toda e qualquer argumentação. Segundo eles, não somos capazes sequer de demonstrar que, neste exato momento, estamos acordados. Ora, pergunta Pascal, se não conseguimos nem mesmo provar que tudo isto que chamamos de “vida” não passa de um sonho, como poderíamos provar, por A + B, que o Deus de Abraão, Isaac e Jacó existe? Vã pretensão humana!

Vale notar que o filósofo também tem motivos estritamente teológicos para colocar em xeque o poder da razão. Discípulo fiel dos ensinamentos de Santo Agostinho, Pascal vê no pecado original um acontecimento devastador que condenou Adão e toda sua descendência a nunca mais (pelo menos, não neste mundo) ver a Verdade face a face. Se o primeiro homem passeava com Deus pelo Éden todas as tardes, depois da Queda abriu-se entre nós e Ele um abismo infinito, que, como

Na época de Pascal, uma das mais nobres ocupações dos filósofos era tentar provar a existência de Deus. A bem da verdade, desde que o Cristianismo e o pensamento grego deram as mãos, tais demonstrações sempre povoaram as obras dos grandes autores como, por exemplo, Santo Tomás de Aquino. Entretanto, a despeito dos piedosos sentimentos que podem ter levado tantos e tão eminentes pensadores a colocar seu engenho a serviço do Criador, Pascal não acredita que possamos provar que Deus existe.

tal, não pode ser percorrido pelo ser finito que somos. Na prática, isso significa que o homem decaído é incapaz de, utilizando seus próprios meios, ver com clareza o que quer que seja, uma vez que a Luz da Luz já não caminha ordinariamente entre nós.

Apesar disso, Pascal defende que há bons indícios da veracidade do Cristianismo. De acordo com o filósofo, as tensões e contradições que marcam todos os homens só se tornam compreensíveis precisamente quando se leva em conta o dogma da Queda. Este seria o caso do curto-circuito existente entre, por um lado, o discurso trivial

que identifica a felicidade ao repouso e, por outro lado, nossa clara incapacidade de repousar sem cairmos no tédio, na angústia. De onde vem que nos enganemos, convencendo-nos de que queremos “sossegar” quando, inegavelmente, a inação nos leva ao desespero? Pascal responde: do fato de não estarmos mais no estado em que fomos criados. Com efeito, Deus nos fez de tal modo que poderíamos encontrar gozo no repouso. No entanto, peregrinos que nos tornamos sobre a Terra, tal ócio, embora ainda desejado, já não pode ser ocasião de contentamento – mas tão somente de ressentimento por

nossa situação de desamparo. Note-se que, mesmo que o pecado original não seja um dado da razão, é ela que nos mostra sua eficiência como chave de leitura da condição humana.

Ademais, ainda que nossa razão não possa demonstrar que Deus existe, ela ao menos é capaz de nos provar que é mais interessante ‘apostar’ na Sua existência do que na Sua não existência. Afinal, se apostarmos que Deus não existe, o que ganhamos se estivermos certos? Nada! Por outro lado, diz o pensador, se apostarmos que Deus existe e acertarmos, podemos ganhar o Paraíso. Assim, em que pesem os estreitos limites que diagnostica na razão, Pascal de modo algum a despreza, já que vê nela um instrumento que pode nos abrir à ação divina – e não há nada mais importante do que isso.

*Tem pós-doutorado em Filosofia pelo LABÓ-FUNDASP e é doutor em Filosofia pela USP. É autor de *Limites da Apologia Cristã* (2016) e *10 Lições sobre Pascal* (2017), entre outros. É docente na Faculdade de Filosofia e Teologia Paulo VI (Mogi das Cruzes) e coordenador do Núcleo de Ateísmo e Apologética do LABÓ-FUNDASP.